



A FORMAÇÃO DO ESTADO NACIONAL CHILENO: povo e nação

Flávia Schettino Marques Gomes*; Luís Filipe Arreguy Soares**

flavia.schettino@terra.com.br; luisfas@ig.com.br

*Graduada em História uniBH, Belo Horizonte, MG; ** Professor do Curso de História uniBH, Belo Horizonte, MG

Recebido em 30/11/11 – Aprovado em 26/12/11 – Publicado em 30/12/11

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar a formação do Estado Nacional chileno dentro do contexto latino americano, bem como a maneira pela qual o pensamento social daquela nação se desenvolveu a partir das diretrizes impostas pela oligarquia que dominava a recém formada república. Partindo do início da colonização espanhola, enquanto o Chile desempenhava o papel de capitania geral, até chegar ao final do século XIX, é possível perceber a trajetória do país, desde a sua independência até a sua afirmação enquanto Estado independente e soberano. A ênfase recai sobre a relação Estado e sociedade, como eles se formaram e como se complementam.

Palavras-chave: estado nacional, sociedade, nação.

ABSTRACT:

This paper aims to demonstrate the formation of the Chilean National State within the context of Latin American as well as the manner in which that nation's social thought has developed from the guidelines imposed by the oligarchy that dominated the newly formed republic. From the beginning of Spanish colonization, while Chile played the role of general captaincy, until the late nineteenth century, we can see the trajectory of the country since its independence until their claim as an independent and sovereign State. The emphasis is on the relationship between state and society, how they formed and how they complement each other.

Key-words: nation state, society, nation.

A formação dos Estados Nacionais latino-americanos pode ser vista como uma unidade desde que esta visão seja superficial. Apesar de ter havido um movimento comum que atingiu estes Estados no momento de sua formação, é impossível fazer uma análise um pouco mais profunda sem que se estude cada caso em particular. A linha condutora deste trabalho será a formação destes Estados bem como a construção do pensamento social na América Latina, mas, para aproveitarmos mais essa discussão, daremos ênfase a um país específico que, neste caso, será o Chile.

Inserido no contexto das independências das colônias latino-americanas no princípio do século XIX, o Chile vai se diferenciar dos demais países por diversas razões. Em nosso caso, queremos salientar três aspectos que consideramos fundamentais para esta diferenciação. O primeiro deles é a condição na qual se encontrava o Chile antes dos movimentos independentistas; o segundo aspecto é como a elite que assumiu o poder logo após a independência pensou o Estado chileno enquanto nação e o terceiro é a maneira pela qual esta nação foi se consolidando a partir de um discurso patriótico que tanto ecoou naquele momento.

A ocupação do território e a formação da capitania geral

Desde a sua ocupação pelos espanhóis, grandes foram as dificuldades para a consolidação de uma capitania geral¹ naquelas terras. A fundação da cidade de Santiago de la Nueva Extremadura, hoje Santiago, foi um grande desafio para Pedro de Valdivia e sua expedição que, saindo da cidade de Cuzco no vice-reino do Peru, chegaram ao vale do rio Mapocho² para estabelecerem ali a porta de entrada para a conquista de novas terras.

¹ As *Capitanias Generales* eram localizadas em pontos estratégicos da América espanhola e tinham como principal função a defesa do território contra invasões, fosse de nativos ou de outros grupos. Seus governadores tinham, além dos deveres militares, a tarefa de garantir a ocupação das colônias e de arbitrar a justiça em primeira instância.

² Rio que corta a cidade de Santiago do Chile.

Durante los primeros años de la fundación de Santiago, Valdivia y sus hombres no pudieron hacer expediciones muy lejos de ella. El 11 de septiembre de 1541, a los siete meses de establecida la ciudad, debió sufrir el asalto de los indígenas comandados por Michimalonco, jefe de una de las dos secciones del Valle de Aconcagua y nombrado jefe de la rebelión que se desató en aquel año. La recién fundada ciudad quedó asolada y también fueron atacados y destruidos los grupos de españoles e indios que trabajaban las minas de oro de Marga Marga y quemado el barco que se había comenzado a construir en la costa cerca de Valparaíso.³ (DE RAMÓN, 2003, p. 25)

Passados os primeiros anos e com a consolidação da cidade de Santiago, a expansão pelo território chileno foi difícil, não só pela resistência dos indígenas que ali se encontravam, uma vez que as guerras entre eles e os conquistadores eram quase que ininterruptas, mas também pelos aspectos geográficos, levando em conta os constantes terremotos que atingem aquela região e a própria cordilheira dos Andes que se faz como uma barreira natural “isolando” o Chile das demais terras conquistadas pela Espanha.

O processo de formação econômica e social da capitania chilena está intimamente ligado a essas dificuldades de conquista. Para que houvesse uma estabilidade na região, uma quantidade significativa de contingente militar foi designada pela coroa espanhola para que ali fizessem a sua base. Fortes foram construídos ao longo da costa, lembrando que a extensão desta área é relevante, o que proporcionou um processo de mestiçagem entre espanhóis e nativos que habitavam as regiões fronteiriças às terras ocupadas. Este novo povo que aparecia e que vamos chamar a partir daqui de chilenos, vai se tornar a base da sociedade formada no decorrer da colonização e terá um papel

³ Durante os primeiros anos da fundação de Santiago, Valdivia e seus homens não puderam fazer expedições que fossem muito distante da cidade. Em 11 de setembro de 1541, sete meses após a fundação da cidade, ela sofreu um ataque dos indígenas comandados por Michimalonco, chefe de uma das duas partes do Vale de Aconcagua, que foi nomeado chefe da rebelião que se desenrolou naquele ano. A recém fundada cidade ficou assolada. Também foram atacados e destruídos os grupos de espanhóis e índios que trabalhavam nas minas de ouro de Marga Marga. O barco que haviam começado a construir na costa, perto de Valparaíso, foi queimado também. (Livro tradução)

fundamental no desenvolvimento econômico e social da capitania.

A função principal da nova região conquistada, como já foi visto, era a proteção da colônia contra as possíveis invasões de outros povos. Porém o futuro país estava sendo construído também em função de outra atividade de igual importância: a agricultura.

Devido ao favorecimento do clima e da boa qualidade do solo da maior parte do território, o Chile passou a ser, a partir do século XVII, o grande fornecedor de gêneros alimentícios para o vice-reino do Peru, tendo no trigo o seu principal produto. Junto a isso, devemos acrescentar que o surgimento de uma nova forma de relação entre os setores desta sociedade foi se solidificando. Os grandes proprietários de terras formaram a partir desta época, a oligarquia chilena que iria ditar o modelo de formação do futuro Estado independente. Nos dizeres do historiador chileno Armando de Ramón,

Una sociedad agraria como la expuesta sostuvo una evolución muy singular, produciendo una serie de consecuencias que han pesado y hasta hoy gravitan con gran fuerza en el desarrollo histórico de Chile. En particular, como se irá viendo en las páginas que siguen, de estas circunstancias surgió el elemento social que se ha autorreproducido desde el siglo XVII manteniendo o salvando las características que le han permitido manejar el resto de la sociedad chilena y a la cual le ha impuesto un sello muy característico⁴. (DE RAMÓN, 2003, p. 36)

Esta característica se traduz basicamente na relação entre este grupo dominante e o restante da população que se dividia, de um modo geral, entre os trabalhadores rurais e os trabalhadores das minas, assim que se inicia o processo de exploração de minerais na região. É claro que não se pode reduzir toda uma população a estes setores, mas vamos colocá-los como os grupos que fazem parte da camada mais desfavorecida de todo o contexto. Havia

⁴ Uma sociedade agrária como a mencionada foi a base de uma evolução muito singular, produzindo uma série de conseqüências que pesaram e até hoje influenciam com grande força no desenvolvimento histórico do Chile. Em particular, como se verá nas páginas seguintes, desse contexto surgiu o elemento social que veio sendo reproduzido desde o século XVII, mantendo ou salvando as características que os permitiu conduzir o resto da sociedade chilena na qual impuseram uma marca própria. (Livre tradução)

ainda os comerciantes que paulatinamente se tornaram uma parte importante da sociedade colonial, mas nunca chegaram a ocupar a mesma posição que os fazendeiros dono das grandes propriedades de terras tinham na colônia.

A situação perdurou durante o tempo em que o Chile se encontrava na posição de capitania geral. As mudanças desta estrutura giravam mais em torno das freqüentes guerras com os indígenas, no que diz respeito aos limites territoriais, do que em relação ao próprio modelo estabelecido. Exceção se faz durante o período em que o povo Mapuche, habitante da região da Araucania ao sul da região central onde se encontrava Santiago, entrou em acordo com a coroa espanhola e teve as suas terras demarcadas formando assim uma “nação” dentro da colônia. Este quadro só vai se reverter no século XIX, após a independência, com a conquista da região por parte do então governo republicano.

Enquanto se encontrava sob o domínio da coroa espanhola, estas foram as principais características que permeavam o que viria a ser o Estado chileno após a sua independência. Pode-se dizer que foi em cima destas bases que se estabelecerá a sua sociedade e por que não dizer, a formação do pensamento social deste povo, ou seja, a grande distancia entre as camadas sociais e, por que não falar em uma hierarquização destas relações.

A gênese do Estado Chileno

O processo de independência dos estados latino-americanos teve como característica comum o enfraquecimento da coroa espanhola e sua conseqüente falta de poder para continuar no controle do grande território que constituía a sua colônia na América. Deve-se lembrar que o contexto no qual se desenrolou estes movimentos era o de ocupação da Espanha pela França, durante o período napoleônico. Diante disto, a oportunidade surgiu para que as já divididas partes deste domínio europeu pudessem se emancipar, mesmo que para isso houvesse como houve a necessidade de enfrentamento entre as

forças militares da metrópole e das colônias.

A grande questão é que no momento em que todo este processo se desencadeou, era imprevisível o resultado que seria alcançado. Seria possível manter a unidade da América espanhola? Um governo central teria condições de administrar a ex-colônia de modo a dar continuidade ao modelo até então utilizado? Se fosse possível, qual seria a forma de governo a ser utilizada e de que modo esta nova nação se inseriria no contexto mundial?

O objetivo aqui não é o de responder a essas perguntas, mas sim de, a partir delas tentar compreender a grande diversidade de Estados que foram formados após a independência. Neste caso, fica clara a idéia de contrastar o processo emancipatório hispânico do português. Partiremos, pois, do princípio de que as sociedades, ou melhor, o imaginário social formado ao longo do período de dominação européia nas Américas foi tão distinto que o resultado não foi outro senão processos de independência e de formação nacional diferenciados.

De acordo com o historiador brasileiro José Murilo de Carvalho, em seu livro “A formação das almas”, a parte essencial para a legitimação de qualquer processo político é a construção de um imaginário que seja aceito e compartilhado pela maioria dos membros de uma sociedade.

A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. (CARVALHO, 2005, p. 10)

Partindo deste princípio e acrescentando o conceito de nação como uma “comunidade imaginada” tal como se refere Benedict Anderson⁵, foi preciso

⁵ Para uma melhor compreensão deste conceito, ver: ADERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

todo um esforço por parte dos dirigentes do novo Estado independente para que a sociedade pudesse se identificar como “povo” e “iguais”, pertencente a um país separado de seus antigos dominadores. Não que deixasse de existir dominação de um grupo social por outro, só que a partir deste momento, o domínio seria exercido, no caso do Chile, pela velha oligarquia agrária que esperava para assumir definitivamente o poder.

El estado fue esencialmente creación de un sector de la sociedad chilena (llámese grupos dirigentes, elite o clase dominante) que necesitó, una vez concluida la Independencia, un instrumento de poder para sacar adelante sus proyectos. Sobre la base de esos proyectos se iniciaría también el proceso de construcción de la nación, debiendo incorporar o desechar diversos elementos de un pasado que arrastraba la nación cultural, de la cual emerge la nación que construimos en el siglo XIX. (...) Los grupos dirigentes comprendieron que la creación del Estado era vital para darle forma a sus proyectos políticos y económicos. Vale decir, tuvieron que fijar territorios, población, establecer cuerpos legales, formar el aparato burocrático-militar y transformar a los antiguos súbditos de la corona em individuos leales, obedientes y comprometidos con el proyecto que se les estaba imponiendo.⁶ (RODRÍGUES, 2003, pág. 94)

É possível perceber a intenção que havia por parte desta elite em se construir um Estado forte o suficiente para exercer o domínio sobre a maioria da população e governar de acordo com os propósitos estabelecidos por este grupo. Podemos dizer que a maneira pela qual o Estado chileno foi imaginado está de acordo com o pensamento predominante na América Latina recém independente que tinha nessa minoria a única possibilidade de levar o país a um desenvolvimento compatível com a idéia de progresso tão difundida no mundo ocidental do século XIX. Mais uma vez, o historiador chileno Armando de Ramón sintetiza esta posição da oligarquia da seguinte maneira:

⁶ O Estado foi essencialmente a criação de um setor da sociedade chilena (pode ser chamado de grupos dirigentes, elite ou classe dominante) que necessitou, uma vez concluída a independência, de um instrumento de poder para prosseguir com seus projetos. Sobre a base desses projetos iniciaria, também, o projeto de construção da nação, devendo incorporar ou descartar diversos elementos do passado que atrelavam a nação cultural, da qual emerge a nação que construimos no século XIX. [...] Os grupos dirigentes perceberam que a criação de um Estado era vital para dar forma aos seus projetos políticos e econômicos. Vale dizer que tiveram que fixar território, população, estabelecer um conjunto de leis, formar o aparato burocrático-militar e transformar os antigos súditos da coroa em indivíduos leais, obedientes e comprometidos com o projeto que estavam sendo imposto. (Livre tradução)

Por tanto la oligarquía chilena, en la medida que adquirió poder y fuerza durante el curso del siglo XIX, fue planteando una especie de programa que, en lo básico, significó conservar el poder total, para lo cual se fijaron tareas tales como la ocupación de todos los territorios que el antiguo Estado español asignó a Chile, poner en explotación las riquezas del suelo, colocando a la minería como una de las principales fuentes de ingreso tanto de particulares como del Estado, para lo cual recurrió a sus socios extranjeros, en especial a los británicos.⁷ (DE RAMÓN, 2003, p. 66)

Diante deste quadro fica fácil perceber que a imposição de um governo forte e centralizador foi a característica principal de muitos países latino-americanos no momento de sua independência, casos esses evidenciados tanto no Chile como no Brasil. Neste caso, apesar das formas de governo serem distintas, um com um regime republicano e o outro com um regime monárquico, é possível tal comparação pois, o foco é o fato da centralização do poder.

[...] Brasil e Chile são países em que a tendência à centralização se impôs mais rápido. No primeiro caso, em 1840, a precoce subida ao trono de Dom Pedro II facilitou o encerramento do ciclo de rebeliões separatistas; [...] No Chile, o caminho da centralização já se firmara com a ditadura de Portales, a vitória militar contra a confederação Peruano-Boliviana em 1837 e uma sólida fonte de recursos assegurada pela mineração, pelo guano e pela agricultura de exportação. (ALMEIDA, 2003, p.23.)

Podemos perceber então, a intenção dessa classe dirigente em forjar o pensamento das novas sociedades com o intuito de obter a legitimação necessária para se manterem no poder. Não estamos afirmando que os movimentos contra essas mudanças não existiram e nem que o povo permanecer inerte diante de tudo o que acontecia. O que estamos querendo expor é como a investida desse grupo pode influenciar a construção do pensamento social. A prova disso é o grande período em que esta estrutura se manteve inalterada.

⁷ Por tanto, a oligarquia chilena, na medida em que adquiriu poder e força, durante o curso do século XIX, foi delineando uma espécie de programa que, basicamente, significou conservar o poder total. Para isso, se fixaram tarefas tais como a ocupação de todos os territórios que o antigo Estado espanhol assegurou ao Chile e a exploração das riquezas do solo, colocando assim a mineração como uma das principais fontes de ingresso de capital, tanto de particulares quanto do Estado, que para isso recorreu a seus sócios estrangeiros, em especial os britânicos.” (Livre tradução)

Para esclarecermos melhor esta intenção da elite chilena, vamos analisar o período denominado de “portalino” e que objetivou a construção de uma nação pautada em um patriotismo a toda prova.

A ideologia de Diego Portales

Queremos dar especial atenção a esta fase da construção do Estado Nacional chileno por acreditarmos que ela é fundamental para o entendimento da dinâmica social construída neste país.

Como em quase todo o continente americano, a corrente de pensamento que mais se destacava na primeira metade do século XIX era a positivista⁸. Partindo de seu princípio mais geral, a idéia vigente era a da formação de novas nações, uma vez que as independências estavam recém adquiridas, a partir da ordem e do progresso.

Entende-se por ordem a sociedade que conseguisse se organizar nos padrões das então dominantes nações européias. Pois bem, estava lançado um grande desafio uma vez que a questão da mestiçagem era vista como um empecilho para uma aproximação exata com o modelo a ser seguido. Entra então a questão do progresso que era visto como um objetivo a ser conquistado por todos, independente dos setores que formavam a sociedade, ou seja, o progresso deveria ser uma “evolução” constante na maneira de ser dos novos Estados Nacionais e isso teria que atingir toda a população, tanto em seu aspecto prático quanto em sua maneira de pensar, na formação de um imaginário comum pautado nestes princípios.

Neste contexto aparece no Chile a figura do comerciante Diego Portales que, em meio a instabilidade política do início da consolidação da nova nação, viu a solução para transformar o “caos” em que se encontrava seu amado país: a

⁸ Este positivismo tem a ver com a idéia de ordem e progresso, de evolução racional da sociedade.

construção de um governo forte o suficiente para adequar sua população aos novos padrões idealizados. A historiografia chilena ainda não chegou a um consenso a respeito deste pensamento, se foi uma ideologia ou não. De qualquer maneira vale à pena salientar o elevado grau de patriotismo que as suas idéias despertaram nesta sociedade, a ponto de ser ele uma figura fundamental na história do Chile. Em um trecho de uma carta escrita por Portales a um de seus sócios, poderemos perceber sua intenção e vontade necessária para atingir seus objetivos através de um discurso altamente patriótico.

A mi las cosas políticas no me interesan, pero como buen ciudadano puedo opinar con toda libertad y aun censurar los actos del gobierno. La democracia que tanto pregonan los ilusos es un absurdo em países como los americanos llenos de vicios y donde los ciudadanos carecen de toda virtud como es necesario para establecer una verdadera república. [...] La república es el sistema que hay que adoptar, pero ¿sabe cómo yo la entiendo para estos países? Un gobierno fuerte, centralizador, cuyos hombres sean verdaderos modelos de virtud y patriotismo, y así enderezar a los ciudadanos por el camino del orden y de las virtudes. Cuando se hayan moralizado, venga el gobierno completamente libre y lleno de ideales, donde tengan parte todos los ciudadanos. Esto es lo que yo pienso y todo hombre de mediano criterio pensará igual⁹. (PORTALES apud DE RAMÓN, 2003, pp. 72-73)

Foi durante esta fase que se promulgou a constituição de 1833, altamente conservadora e que traçaria o futuro político, econômico e social do país. Grandemente influenciada pelo pensamento portalino, esta constituição esteve vigente durante todo o século XIX, apesar de ter sofrido algumas reformas em seu texto original durante o mesmo período. Foi ela e o já dito pensamento de Portales que criaram as bases do imaginário deste povo que tem na pátria a sua grande identificação. Em maior ou menor grau, podemos perceber este ideário até os dias de hoje. Os episódios que serão apresentados a seguir nos

⁹ Para mim as coisas políticas não me interessam, mas como um bom cidadão, posso opinar com toda a liberdade e ainda censurar os atos do governo. A democracia que tanto apregoam os iludidos é um absurdo em países como os americanos, cheios de vícios e onde os cidadãos carecem de toda a virtude necessária para estabelecer uma verdadeira república. [...] A república é o sistema a ser adotado, mas sabe como eu a vejo para estes países? Um governo forte, centralizador, cujos homens sejam verdadeiros modelos de virtude e patriotismo e assim endireitar os cidadãos. Estabelecer o caminho da ordem e das virtudes. Quando houverem se moralizado, virá o governo completamente livre e pleno de ideais, onde terão parte todos os cidadãos. Isto é o que eu penso e todo homem de bom senso pensará igual. (Livre tradução)

darão um bom exemplo de como este Estado foi consolidado.

A Guerra do Pacífico

Parte significativa da história chilena, a Guerra do Pacífico engloba um período longo, aonde os acontecimentos vão se desenrolando até atingirem o clímax em fevereiro de 1879. É neste momento que o patriotismo ganha um terreno grande no imaginário social do Chile e, também é a partir daí que o Estado passa a ter o território que o acompanha até hoje.

Foram muitos os motivos que levaram Chile, Peru e Bolívia a entrar em guerra no final do século XIX. De maneira geral, vamos esboçar os anos que antecederam tal conflito para que possamos compreender o seu desenrolar. Lembramos que o foco principal é na formação do pensamento da sociedade chilena e não a guerra em si. Partimos deste ponto, pois acreditamos como já dissemos que foi significativo este momento na consolidação da nação, tanto em seu aspecto político, quanto social e econômico.

Em meados do século a economia chilena era basicamente agrícola e mineradora. Como vimos, o Chile vinha se consolidando como grande fornecedor de gêneros alimentícios tanto para o mercado interno como para o externo. Concomitantemente, a exploração de minério passou a fazer parte da economia do país de maneira significativa. Com a ajuda dos investimentos externos, principalmente britânico como já foi mencionado, a indústria da mineração ganhou espaço rapidamente no território nacional e, mais do que isso, começou a extrapolá-lo e se expandiu para além de suas fronteiras.

Desenvolvendo-se ao norte do país, a expansão se deu em direção ao território boliviano, hoje região Antofagasta, que permitiu a instalações das companhias mineradoras chilenas desde que estas cumprissem com o acordo de pagar os devidos impostos ao país. Desde cedo começou um embate para determinar qual seria ao certo o limite territorial de cada estado. O Chile alegava que sua

fronteira iria até o paralelo 23° e a Bolívia, por sua vez, dizia que suas terras se estendiam até o paralelo 26°. O fato é que depois de inúmeras discussões a respeito deste tema, um acordo foi firmado por ambas as partes em 1866, estabelecendo o paralelo 24° como o limite dos dois territórios. Apesar da mineração, as companhias chilenas, em sua maioria aportada por capital estrangeiro, seguiam na exploração das riquezas da região tais como o guano¹⁰ e o salitre. O salitre em especial era encontrado já em território peruano, ou seja, ao norte do que era a Bolívia na época¹¹.

Ao se ver envolvido no processo de expansão das companhias chilenas, o Peru toma uma atitude de cautela diante da circunstância e se alia à Bolívia no famoso pacto secreto de ajuda mútua em caso de guerra contra o Chile. As idéias beligerantes já vinham tomando forma e a elite chilena parecia apreciar cada vez mais aquilo que seria a grande oportunidade de ter o seu território expandido caso uma guerra fosse deflagrada e ganha por este país.

O historiador chileno Luiz Ortega nos dá uma mostra do que seria este estado de animo da seguinte maneira:

Y efectivamente, el territorio salitrero peruano de Tarapacá pronto pasó a gravitar en forma preponderante en la estrategia del liderazgo chileno. [...] A comienzos de mayo de 1879, el gobierno de Chile ya tenía diseñado como objetivo estratégico la anexión de toda la región salitrera, incluida la provincia de Tarapacá; ello, aparte de reflejar un sentir colectivo consensual a cuyo diseño contribuyó decisivamente la política seguida por la “Compañía”¹², demuestra cuan ténues eran los límites entre lo público y lo privado en la sociedad chilena de la época.¹³(ORTEGA, 2005, pág. 399)

¹⁰ Insumo agrícola produzido pelo acúmulo de fezes de pássaros, encontrado na costa do oceano Pacífico.

¹¹ Ver mapa no anexo 01.

¹² Este termo Compañía se refere a Compañía de Salitres y Ferrocarril de Antofagasta. (ORTEGA, 2005, p. 397)

¹³ E efetivamente, o território salitreiro peruano de Tarapacá de imediato passou a aparecer de forma preponderante na estratégia da liderança chilena. [...] No início de maio de 1879, o governo do Chile já tinha disposto como objetivo estratégico a anexação de toda a região salitreira, incluindo a província de Tarapacá; isso, além de refletir um sentimento coletivo consensual, cujo projeto contribuiu decisivamente na política seguida pela “Compañía”, demonstrou quão tênue eram os limites entre o público e o privado na sociedade chilena da época. (Livre tradução)

Podemos perceber então que a Guerra do Pacífico extrapola o campo econômico e recai sobre toda a estrutura da sociedade chilena cujos interesses de uma minoria levaram a um conflito aonde toda a população se envolveu.

Cabe-nos agora chamar a atenção para aquilo que mais interessa na questão da formação do pensamento social chileno: o patriotismo e, por que não dizer, o nacionalismo que foi absorvido pelo imaginário da sua população através do discurso proferido pelos meios de comunicação e demais órgãos tanto público quanto privado.

Analisando uma nota que foi publicada no dia 26 de maio de 1879 no jornal de grande circulação o “El Mercurio de Valparaíso”, podemos perceber como este discurso estava afinado com a necessidade da elite de promover esta guerra e, mais ainda, de vencê-la e junto com isso, se fortalecer à frente da administração do Estado. Estava escrito:

Discurso de Don Eduardo de La Barra. Reunido el pueblo espontaneamente en la Plaza de la intendência pedia que hablara el señor Altamirano. Este no se encontraba presente, y entonces Don E. de la Barra les dirigió mas o menos en estes términos:

“Noble pueblo de Valparaíso: grande y justo es vuestro regocijo, como es grande y heróica y excepcional en los anales del mundo la hazaña que celebramos!

La marina chilena, iniciando esta campaña de una manera tan gloriosa, no hace mas que continuar las grandes tradiciones de los marinos de la republica. Los jovenes que hoi pasean nuestra bandera Poe el Pacífico, son dignos de Cochrane, de Blanco y de Willians y saben colocarse a igual altura, como acaban de probarlo con heróica bizzaria.

Son chilenos: y ban cumplir su deber; saben morir en su puesto!

Los que tienen por costumbre clavar su bandera al entrar en combate y hundirse con el tricolor que les fué confiado, nos aseguran la vitória. Ese heroísmo corresponde a la justicia de nuestra causa.

Esos nobles jóvenes, hoi justo orgullo de la pátria, serán mañana la admiración del mundo!

!Glória eterna a la escuadra nacional!

Los marinos han abierto la marcha llevando mui en alto la estrella de la pátria, mostrandonos a todos el puesto del deber y el rumbo de la victoria. No importan cuantas sean las naciones que se coaliguen en nuestra contra: sabemos el camino de vencer como de perecer con honra.

Damos en este momento un espetáculo al mundo que recordarán con justo orgullo las jeneraciones venideras.

Un pueblo que produce héroes como los de La Esmeralda y La Covadonga, y que en medio de las escitaciones de la guerra, lleno de

dignidad, se muestra sereno, magnanimo, jeneroso, sin odio en el corazón para nadie y a la altura de los grandes deberes de la situación, es sin duda un pueblo invencible y de alma vigorosa, que por la fuerza incontrastable de las cosas, ocupará en América el puesto que se le niega y que le corresponde.

Hemos dado nuestra sangre y nuestro trabajo a los que nos calumnian y nos provocan la guerra. Hemos salvado el buen nombre de la república en América, y se nos pagan con el ódio de la envidia y se nos tienden arteras asechanzas. Pues bien: castigemos con dignidad, ocupemos nuestro puesto en el continente, y seamos en seguida su escudo y su mejor baluarte.

Un viva al pueblo chileno, hoi representado en la inmortal hazaña de nuestra escuadra! Un viva a los hombres de gobierno capaces de colocarse a la cabeza de tan gran pueblo.

Aun quiero agregar una palabra.

Mientras la pátria adopta por hijos suyos a los huérfanos de los valientes que sucumbieran, cumple al pueblo de Valparaiso perpetuar en el mármol el recuerdo de La Esmeralda y alzar un monumento a la memória de las victimas sacrificadas por la pátria.¹⁴

Vale salientar que o discurso foi proferido após a derrota sofrida pela esquadra chilena durante o Combate Naval de Iquique aonde o barco denominado La

¹⁴ Discurso de Don Eduardo de la Barra. Reunido o povo espontaneamente na praça da Intendência, pediam que falasse o senhor Altamirano. Este não se encontrava presente então, Don E. de la Barra se dirigiu a eles mais ou menos nestes termos: “Nobre povo de Valparaíso: grande e justo é o vosso regozijo, como é grande, heróico e excepcional nos anais do mundo a façanha que celebramos! A marinha chilena, iniciando sua campanha de maneira tão gloriosa, não faz mais do que continuar com as grandes tradições dos marinheiros da república. Os jovens que hoje levam a nossa bandeira pelo Pacífico, são dignos de Cochrane, de Blanco e de Williams, e sabem colocar-se a igual altura, como acabam de provar com sua heróica bizzaria. São chilenos: e vão cumprir o seu dever; sabem morrer em seus postos! Os que tem por costume cravar sua bandeira ao entrar em combate e afundar com a tricolor que a eles foi confiada, nos asseguram a vitória. Este heroísmo corresponde à justiça de nossa causa. Esses jovens, hoje orgulho da pátria, amanhã serão a admiração do mundo! Glória eterna à esquadra nacional! Os marinheiros abriram a marcha levando no alto a estrela da pátria, mostrando a todos o posto do dever e o rumo da vitória. Não importam quantas sejam as nações que se coliguem contra nós: sabemos o caminho de vencer como o de perecer com honra. Damos neste momento um espetáculo ao mundo que recordarão com justo orgulho as gerações futuras. Um povo que produz heróis como os da Esmeralda e da Covadonga, e que em meio das excitações da guerra, cheios de dignidade, se mostram serenos, magnânimos, generosos, sem ódio no coração contra ninguém e à altura dos grandes deveres da situação, é sem dúvida um povo invencível e de alma vigorosa, que pelas forças incontestáveis das coisas, ocupará na América o posto que lhe corresponde. Temos dado o nosso sangue e nosso trabalho aos que nos caluniam e nos levam a guerra. Temos salvado o bom nome da república na América, e nos pagam com o ódio da inveja e traição. Pois bem: castigemos com dignidade, ocupemos nosso posto no continente e sejamos em seguida, seu escudo e seu melhor baluarte. Um viva ao povo chileno, hoje representado na imortal façanha da nossa esquadra! Um viva aos homens do governo capazes de colocarem-se a diante de tão grande povo! Ainda quero agregar uma palavra. Enquanto a pátria adota por filhos os órfãos dos valentes que sucumbiram, cumpre ao povo de Valparaiso perpetuar no mármore a lembrança da Esmeralda e levantar um monumento a memória das vítimas sacrificadas pela pátria. Disponível em: “El Mercurio de Valparaiso”, 26 de maio de 1879, disponível na Biblioteca Nacional de Chile. (Livre tradução)

Esmeralda foi afundado pelo navio peruano El Huáscar, nas proximidades do porto da cidade de Iquique, então pertencente ao Peru.

Iguais a este discurso¹⁵, ou pelo menos no mesmo tom, existem vários outros no mesmo jornal pesquisado, em um intervalo de uma semana aproximadamente. Não nos cabe aqui transcrever todos eles uma vez que a mostra dada nos serve como parâmetro e de base para a nossa argumentação.

O desfecho desta guerra foi favorável ao Chile que acrescentou uma grande quantidade de terras ao seu território. A Bolívia perdeu a sua saída para o mar, fato este que vem sendo questionado por este país até os dias de hoje, e o Peru perdeu sua província de Tarapacá tão rica em reservas minerais.

A partir destes exemplos e de toda a exposição feita neste trabalho, podemos perceber que a forma com que se delineou o pensamento social do povo chileno está intimamente ligada à maneira pela qual seu Estado foi constituído. Partindo do princípio de que há uma intenção por detrás de cada deliberação feita pela classe dirigente, e voltando na noção de “comunidade imaginada” defendida por Anderson, esta relação está pautada no ideal de nação que estava sendo constituído.

É possível perceber ainda o discurso patriótico criado nas diversas ocasiões em que a nação estava em processo de formação, ou mesmo nos casos em que alguma mudança deveria ser feita. É muito claro o desejo de se formar um país nos moldes nacionalistas que estavam em voga naquele momento. Lembremos que no final do século XIX, principalmente após a unificação da Itália e da Alemanha na Europa, a maneira adotada para aglutinar as sociedades dos recém criados países era justamente esta: um discurso nacionalista onde o sentimento de pertencimento à pátria deveria ser grandemente exaltado.

¹⁵ Ver imagem do periódico “El Mercurio de Valparaiso” no anexo 02.

Portanto, relacionando estes dois aspectos, formação do Estado Nacional com a formação do pensamento social, é preciso observar o grau de complementação que existe entre eles. O pensamento é formado a partir das linhas gerais que são impostas pelo novo Estado, mas por outro lado, o modo como a sociedade se desenvolveu, ou seja, como as idéias foram difundidas entre a população desde o início¹⁶ da colonização espanhola, garantiram o sucesso do trabalho de consolidação desta nova nação.

Referências:

ALMEIDA, Jaime de. Palavra e Cultura no Brasil e no Chile em Três Conjunturas Históricas Decisivas. *In: Heranças e Desafios na América Latina: Brasil-Chile*. Brasília: Plano Editora, 2003. p.23.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DE RAMÓN, Armando. *Historia de Chile: Desde la invasión incaica hasta nuestros días (1500-2000)*. Santiago: Catalonia, 2003.

ORTEGA MARTÍNEZ, Luis. *Chile en Ruta al Capitalismo: Cambio, Euforia y Depresión*. Santiago: Dibam-Lom, 2005.

PINTO RODRÍGUEZ, Jorge. *La Formación del Estado y La Nación, y el Pueblo Mapuche: de la inclusión a la exclusión*. 2ª edição. Santiago: Dibam, 2003.

Discurso de Don Eduardo de La Barra. “*El Mercurio de Valparaíso*”, Valparaíso, p.10, maio. 1879. Disponível na Biblioteca Nacional de Chile.

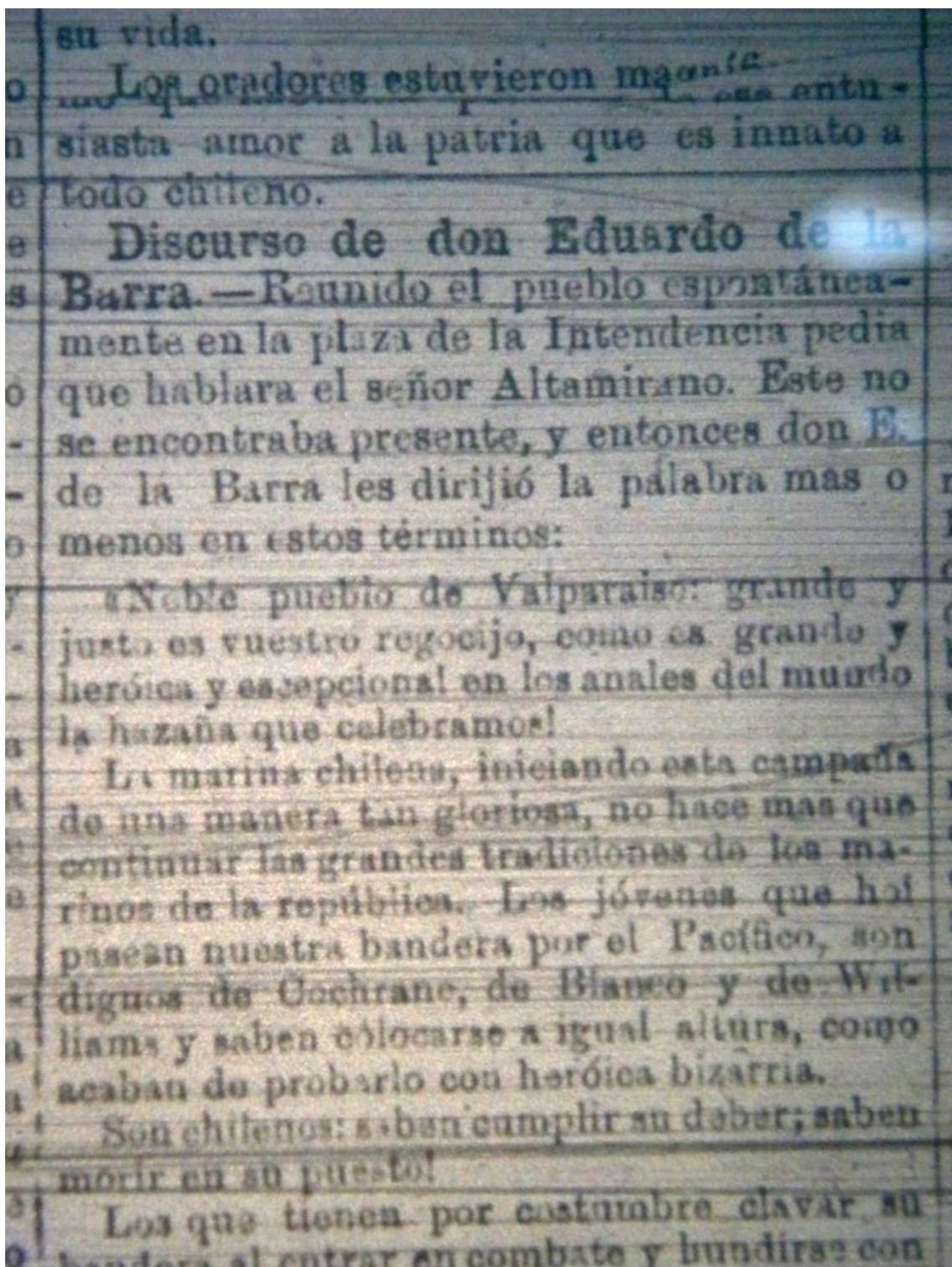
¹⁶ No caso do Chile, devemos nos lembrar que a oligarquia se distinguiu das demais camadas sociais desde o momento em que foi constituída.

ANEXOS:

Anexo 01:



Anexo 02



morir en su puesto!
 Da no re- ara los pe- tras nza do rar, en ran aia- uno rese han eras o es ona- rial ma- res-

Los que tienen por costumbre clavar su bandera al entrar en combate y hundirse con el tricolor que les fué confiado, nos aseguran la victoria.

Ese heroísmo corresponde a la justicia de nuestra causa.

Esos nobles jóvenes, hoy justo orgullo de la patria, serán mañana la admiración del mundo!

¡Gloria eterna a la escuadra nacional!

Los marinos han abierto la marcha llevando muy en alto la estrella de la patria, mostrándonos a todos el puesto del deber y el rumbo de la victoria. No importan cuántas sean las naciones que se coaliguen en nuestra contra: sabemos el camino de vencer con gloria o de perecer con honra.

Damos en este momento un espectáculo al mundo que recordarán con justo orgullo las generaciones venideras.

Un pueblo que produce héroes como los de la *Esmeralda* y la *Corvalongo*, y que en medio de las excitaciones de la guerra, lleno de dignidad, se muestra sereno, magnánimo, generoso, sin odio en el corazón para nadie y a la altura de los grandes deberes de la situación, es sin duda un pueblo invencible y de alma vigorosa, que por la fuerza incontrastable de las cosas, ocupará en América

tuacion, es sin duda un pueblo de alma vigorosa, que por la fuerza incontrastable de las cosas, ocupará en América el puesto que se le niega y que le corresponde.

Hemos dado nuestra sangre y nuestro trabajo a los que nos calumnian y nos provocan a la guerra. Hemos salvado el buen nombre de la república en América, y se nos paga con el odio de la envidia y se nos tienden arteras asechanzas. Pues bien: castigámonos con dignidad, ocupemos nuestro puesto en el continente, y seamos en seguida su escudo y su mejor baluarte.

Un viva al pueblo chileno, hoy representado en la inmortal hazaña de nuestra escuadra! Un viva a los hombres de gobierno capaces de colocarse a la cabeza de tan gran pueblo.

Ann quiero agregar una palabra. Mientras la patria adopta por hijos suyos a los huérfanos de los valientes que sucumbieron, cumple al pueblo de Valparaiso perpetuar en el mármol el recuerdo de la *Esmeralda* y alzar un monumento a la memoria de las víctimas sacrificadas por la patria.

Proclama. — He aquí la que hizo ceptar la intendencia en la mañana de ayer y que, si bien ha debido recibir una modificación en su forma en vista del parte